



COMUNICADO da agência da UE de informação sobre droga, Lisboa

PERSPECTIVA DO GÉNERO NO CONSUMO DE DROGA

Os serviços de tratamento da toxicod dependência para mulheres são ainda pouco numerosos na Europa

(23.11.2006, LISBOA) Segundo a **Agência da UE de informação sobre droga (OEDT)**, os serviços de saúde europeus começam a aperceber-se de que as mulheres toxicod dependentes necessitam de cuidados especiais e que estes exigem intervenções especializadas; no entanto, os serviços de tratamento reservados às mulheres são ainda raros. A Agência salienta este facto num estudo consagrado à perspectiva do género no consumo de droga, publicado em simultâneo com o seu **Relatório Anual 2006 sobre a evolução do fenómeno da droga na Europa**, apresentado hoje ⁽¹⁾.

Segundo esse estudo, os locais de tratamento de toxicod dependência estão normalmente organizados em função das necessidades dos consumidores de opiáceos, na sua maioria homens. A expressão “tratamento em função do género” diz normalmente respeito às intervenções que visam as mulheres toxicod dependentes. Não obstante, embora quase todos os **Estados-Membros da UE** e a **Noruega** possuam agora pelo menos uma unidade de tratamento da toxicod dependência reservada às mulheres, ou às mulheres com filhos, tais serviços constituem ainda uma excepção e estão frequentemente limitados aos grandes centros urbanos. Consequentemente, é através dos serviços genéricos que a maior parte das mulheres é ainda tratada.

Comentando esta questão, o **Director do OEDT, Wolfgang Götz**, afirma: “O relatório do OEDT documenta claramente a existência à escala europeia de exemplos de boas práticas de tratamento que nos podem servir de referência. Os serviços oferecidos demonstram a sua eficácia no que respeita às mulheres grávidas, bem como a sua adequação no tratamento das mulheres com filhos, tendo também obtido bons resultados em casos complexos de pessoas cuja toxicod dependência está associada à exploração sexual ou física. A questão a abordar, por conseguinte, não é o tipo de serviços de que as mulheres necessitam, mas sim como assegurar uma maior disponibilidade e uma maior acessibilidade a esse tipo de serviços especializados.”

A abordagem dos problemas associados à droga — e a prevenção da síndrome de abstinência — são cruciais para salvaguardar a saúde da mãe e da criança. Em muitos países europeus existem já serviços especializados que oferecem às mulheres grávidas toxicod dependentes um acesso preferencial ao tratamento. No entanto, este apoio nem sempre é assegurado após o nascimento da criança.

Actualmente, cerca de 20% das pessoas que iniciam o tratamento da toxicod dependência na Europa são mulheres. Os estudos realizados mostram que o facto de terem de tomar conta de crianças é o motivo principal pelo qual as mulheres se abstêm de procurar auxílio — cerca de um quarto das mulheres (23%) que frequentam os serviços de tratamento ambulatorio da toxicod dependência tem filhos a viver consigo. A abordagem das questões relacionadas com os cuidados infantis é, portanto, um aspecto central a tomar em consideração aquando da concepção de serviços que consideram as necessidades das mulheres toxicod dependentes e são susceptíveis de encorajá-las a iniciar e seguir um tratamento.

A Bélgica, República Checa, Alemanha, Grécia, França, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Áustria, Portugal, Reino Unido e a **Noruega** oferecem programas com uma componente relativa às

responsabilidades dos pais. Embora a maternidade seja normalmente o centro das atenções dos serviços em função do género, um estudo **sueco**, por exemplo, acentua, junto dos homens toxicodependentes, a importância da responsabilidade paternal.

As medidas de redução dos riscos podem não estar a chegar às mulheres

Em todos os Estados-Membros da UE, mais homens do que mulheres são vítimas mortais de *overdose*; dependendo do país, as mulheres representam entre 7% a 35% das mortes relacionadas com a droga. No entanto, a presente análise aponta para notórias diferenças entre os géneros no que respeita às tendências da mortalidade relacionada com a droga. Na Europa, entre 2000 e 2003 (EU-15), embora as mortes por *overdose* tenham baixado cerca de 30% entre os homens, o número de mortes entre as mulheres apenas baixou cerca de 15% nesse mesmo período. Este facto levanta a questão sobre se as medidas de redução dos riscos, que visam proteger os toxicodependentes de elevado risco, não terão menos impacto junto das mulheres do que dos homens.

As taxas relativamente elevadas da infecção pelo VIH constatadas nas mulheres consumidoras de droga por via intravenosa são também fonte de grande preocupação. As mulheres consumidoras de droga injectada (CDI) estão mais frequentemente envolvidas em actividades sexuais e são mais vulneráveis à infecção pelo VIH. Dados recentes de estudos sobre CDI realizados em nove Estados-Membros da UE mostram que a prevalência do VIH é em média de 13,6% entre os homens e de 21,5% entre as mulheres.

O **OEDT** diz que, embora existam, em geral, mais homens que injectam droga e morrem em consequência desse consumo, não se deve ignorar o facto de as mulheres que se injectam poderem estar mais expostas aos riscos e de ser mais difícil chegar até elas.

Estará o fosso entre os géneros a estreitar-se?

O presente relatório diz existirem grandes diferenças entre os géneros em quase todos os aspectos do fenómeno da droga. Entre os toxicodependentes, os homens continuam a ser mais numerosos do que as mulheres em todos os países europeus, sobretudo no que respeita ao consumo frequente, intenso e problemático.

A análise realizada pelo **OEDT** dos dados de um inquérito à população adulta (15 – 64 anos) mostrou não ser possível provar que o fosso entre os níveis de consumo de droga entre homens e mulheres se esteja a estreitar. Não obstante, os dados relativos ao consumo de droga entre os alunos das escolas (15 – 16 anos) revelam algumas tendências preocupantes. Em alguns Estados-Membros, as raparigas parecem estar a aproximar-se dos rapazes em termos do seu consumo de droga e álcool ao longo da vida, facto que suscita questões sobre o provável impacto das futuras taxas de consumo de droga.

Na **República Checa, Dinamarca, Estónia, Irlanda, Letónia, Polónia, Eslováquia e Noruega**, por exemplo, inquéritos realizados recentemente mostram que o fosso entre os géneros está a estreitar-se em termos dos alunos das escolas que já experimentaram *cannabis* pelo menos uma vez na vida (fig. 4). Em três países — **Irlanda, Finlândia e Noruega** — aproximadamente o mesmo número de alunos de ambos os sexos diz ter já experimentado essa droga. Da mesma forma, números quase iguais de consumidores de *ecstasy* de ambos os sexos foram revelados na **República Checa, Alemanha, Espanha, Estónia, Hungria, Irlanda, Letónia, Eslováquia, Finlândia** e no **Reino Unido** (fig. 5) ⁽²⁾.

Por toda a Europa, o consumo excessivo de álcool (cinco ou mais bebidas alcoólicas durante uma saída no mês precedente) continua a ser mais frequente entre os rapazes, excepto na **Irlanda**, no **Reino Unido** e na **Noruega** (fig. 8). O consumo sem receita médica de tranquilizantes e sedativos ao longo da vida é o único tipo de consumo de droga em que as raparigas ultrapassam os rapazes. Os níveis podem ser elevados: mais de metade dos países que forneceram dados apresentam taxas de prevalência ao longo da vida de 5% ou mais, atingindo 18% entre as raparigas na **Lituânia** e 22% na **Polónia** (fig. 7).

Rapazes — uma oportunidade desperdiçada de prevenção da droga

Os rapazes jovens estão mais sujeitos do que as raparigas ao consumo de droga e ao desenvolvimento de problemas conexos. A investigação levada a cabo sugere cada vez mais que as intervenções adaptadas às necessidades do desenvolvimento dos rapazes jovens poderão ser uma área prometedora para o desenvolvimento de serviços. Apesar desta constatação, a actividade de prevenção em função do género não está ainda difundida na UE, e, onde existe, é geralmente dirigida às raparigas. A ausência de programas de prevenção especificamente dirigidos às necessidades dos rapazes representa, por conseguinte, uma oportunidade desperdiçada de prevenção de droga na Europa.

Para concluir, **Wolfgang Götz** diz: “foi há mais de 20 anos que os governos europeus chamaram pela primeira vez a atenção para a questão do género no domínio da droga. Presentemente, é importante que o reconhecimento geral da importância desta questão se reflecta na prática comum. A mensagem é clara: os novos serviços têm de ter em conta o facto de o género ter um impacto sobre os problemas enfrentados pelos indivíduos, bem como sobre a sua vontade para iniciar tratamento, e sobre os tipos de serviços que demonstram a sua eficácia”.

Notas:

(¹) *Selected issue*: “A gender perspective on drug use and responding to drug problems” <http://issues06.emcdda.europa.eu>
Todas as figuras referidas neste comunicado de imprensa encontram-se neste *tema específico (Selected issue)*.

(²) Dados ESPAD — <http://www.espad.org/index.html>